

RESENHA SEMANAL 9 - 28/05 A 03/06/2017

INDICADORES: O Boletim Focus mostrou uma melhora nas previsões para o Dólar, IPCA e PIB, melhorou para IGP-M e Balança Comercial e manteve para IPC-Fipe e Selic. O IGP-M registrou, em maio, uma deflação de 0,93% ante os -1,1% em abril, ficando dentro das estimativas do mercado, acumulando, no ano, uma retração de 1,29% e variando 1,57% em 12 meses. O COPOM reduziu em 1% a Taxa Selic, conforme havíamos previsto nas resenhas anteriores, passando para 10,25% ao ano sinalizando, em seu comunicado, que deve reduzir o ritmo dos cortes nas próximas reuniões.

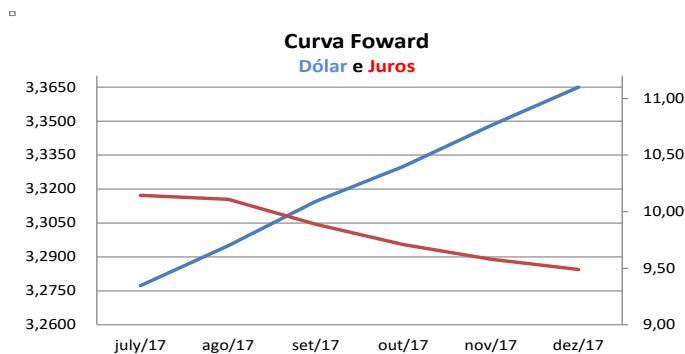
Projeções 2017		
	Anterior	Atual
IPCA	3,92%	3,95%
IGP-M	2,20%	2,14%
Taxa de Câmbio R\$/US\$	3,23	3,25
Taxa Selic	8,50%	8,50%
PIB	0,50%	0,49%

PIB: Dados do IBGE, em linha com analistas, apontam que o PIB brasileiro cresceu 1% no 1º trim/17, no primeiro resultado positivo desde dez/14, descontados os efeitos sazonais, recuando 0,4% na comparação ao mesmo período de 2016 e, no acumulado de 12 meses, apresentando queda de 2,3%. Este resultado, como comentado por esta resenha, em edições anteriores, foi puxado pelo desempenho do setor agropecuário que cresceu 13,4% no período, em razão das safras recordes de grãos. Com um consumo em leve baixa de 0,1% em razão do desemprego recorde e um recuo nos investimentos da ordem de 1,6%, analistas acreditam que os dados otimistas ainda não representam o fim da recessão.

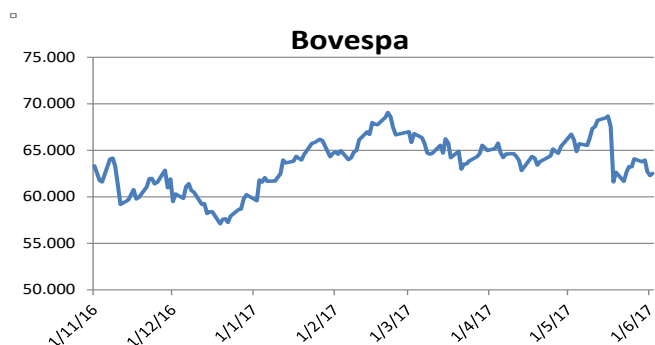
CENÁRIO INTERNACIONAL: As atenções dos investidores seguem voltadas às eleições no Reino Unido, na próxima semana, à intenção da França e Alemanha de implantação de um novo sistema de impostos e à reunião do BCE, com a expectativa de manutenção dos juros. O Payroll divulgado nesta semana mostra que foram criadas, nos EUA, em maio, 138 mil vagas de emprego ante a expectativa do mercado, de 185 mil vagas, a taxa de desemprego caiu para 4,3% frente as previsões de 4,4%, enquanto a criação de vagas em abril foi revisada de 211 mil para 174 mil.

CENÁRIO NACIONAL: Dados do IBGE mostram um aumento de 23,1% na taxa de desemprego, atingindo 13,6% no trim. até abril ante os 11,2% do mesmo período de 2016, totalizando 14,048 milhões de pessoas e alcançando o nível mais alto registrado para o período desde o início da série histórica, em 2012. O mercado de trabalho perdeu 1,243 milhão de vagas com carteira assinada em um ano.

DÓLAR: A moeda norte-americana inicia junho praticamente estável, com os investidores monitorando os desdobramentos do cenário interno, na expectativa quanto ao andamento das reformas estruturais. Encerrou maio com alta de 2,63% e na semana, fechou em leve alta de 0,60%, cotado a R\$ 3,24.

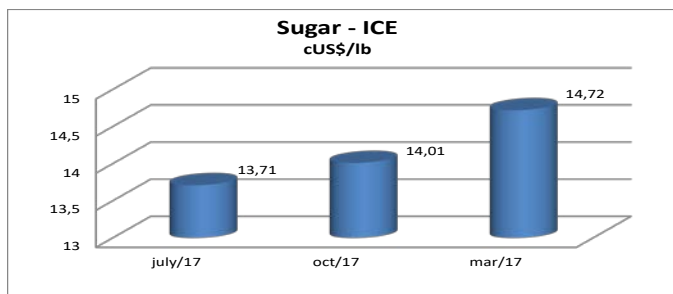


BOLSAS: A Nasdaq e o S&P500 fecharam o mês de maio com um avanço de 2,6% e 1,2%, respectivamente, registrando os melhores resultados desde fev/17, enquanto os mercados internacionais atuaram sem direção definida, embora num viés de alta mesmo ante as incertezas políticas que mais uma vez deram o tom nos negócios em razão de eleições na Europa e da sinalização do BCE sobre o fim de sua estratégia de estímulo monetário. No Brasil, o Ibovespa fechou mais um mês de maio em queda, pelo 8º ano consecutivo, desta vez, de 4,1%, com alta volatilidade face ao cenário político-econômico local e investidores atentos a possibilidade de aprovação das medidas para o ajuste fiscal.

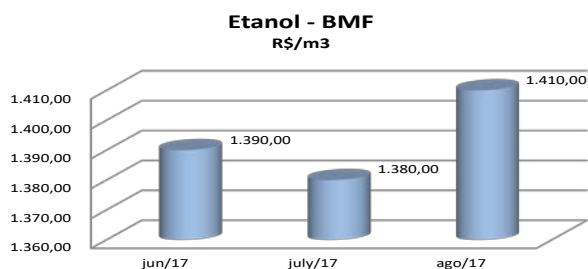


CANA DE AÇÚCAR: A moagem, no Centro-Sul do país alcançou um volume 26,25% inferior à safra passada e atingindo 80,284 milhões de ton desde o início da safra 17/18 até a 1ª metade de maio, causando impacto na produção de açúcar e etanol, com 55,81% destinados ao combustível, chegando a 3,1 bi de lts, 29,58% menor que em 2016. Desde o início da safra atual foram produzidos 1,138 bi de lts de etanol anidro e 1,963 bi de lts de etanol hidratado, numa redução de 27,97% e 30,49%, respectivamente, ante o ciclo anterior. A produção de açúcar, representando 44,19% da cana processada no período somou 3,94 milhões de ton, volume 25,98% menor que em 2016. Apesar do volume de cana estar bem abaixo dos anos anteriores, os preços do açúcar e do etanol estão em declínio desde o início da safra brasileira. Se tomarmos como base o primeiro vencimento do açúcar na bolsa de NY e do etanol na B3, o recuo foi da ordem de 10,0% para ambas as commodities.

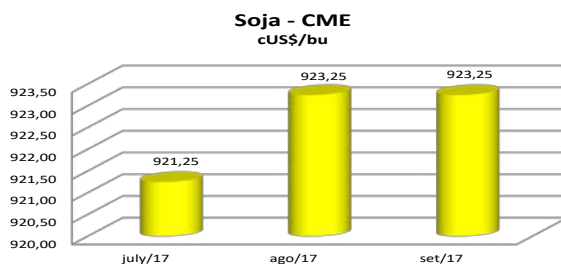
AÇÚCAR: A OIA estima, para o mercado global da commodity na safra 17/18, um superávit de cerca de 3 milhões de ton, com perspectiva de que a oferta do produto continue acima da demanda também no ciclo 18/19, mantidas as condições climáticas e de produção da safra atual e afirma que “embora os preços tenham sofrido queda considerável, ainda são maiores do que nos primeiros 4 meses de 2016”.



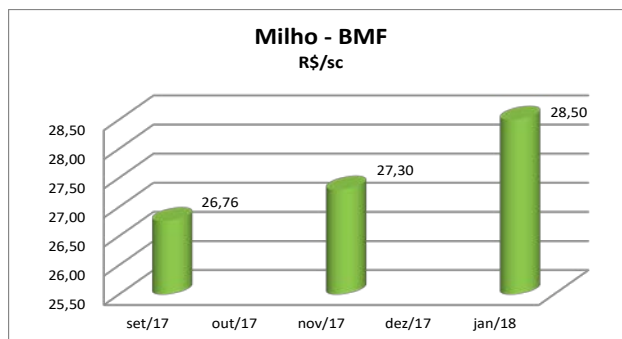
AÇÚCAR/ETANOL: Nesta semana, em NY, vcto jul/17, as cotações do açúcar romperam a barreira dos 14 cUS\$/lb, refletindo o aumento das tarifas sobre a importação pela China enquanto que o indicador do etanol caiu abaixo de R\$ 1.400/m³, entre outros fatores, pelo rompimento dos EUA com o acordo climático de Paris. Acreditamos que estes preços devam permanecer nesses patamares, uma vez que se encontram praticamente abaixo dos custos de produção, levando os produtores a segurar suas vendas.



SOJA: Dados semanais do USDA mostram as vendas americanas da safra 2016/17 para exportação com números acima do esperado e somando 610,2 mil ton, enquanto as projeções variavam entre 200 mil a 550 mil ton, acumulando, na temporada, 58.438,1 milhões de ton contra 47,69 milhões do mesmo período do ano anterior e bem acima da última projeção do USDA de 55,79 milhões.



MILHO: Os dados negativos sobre o início da safra, com o plantio atrasado nos EUA, não serão suficientes para diminuir o volume mundial de grãos, com o produtor migrando do milho para a soja, cuja área já supera a de 2016 em 2,5 milhões de ha, embora, no Brasil, as previsões sejam de que a safrinha deva alcançar uma produção recorde, desovando um volume bastante elevado do cereal no mercado internacional. Por outro lado, analistas reduziram as previsões para os estoques mundiais do produto para o final da safra 17/18, projetando que devam chegar a cerca de 479 milhões de ton, num recuo de 34 milhões de ton ante a safra passada, em razão da expectativa de aumento do consumo, principalmente, pelo uso do cereal nas agroindústrias da China e EUA. Apesar das exportações, em maio, terem batido o recorde para o mês, no acumulado do ano elas estão quase 80% abaixo do que foi exportado no mesmo período de 2016 e mesmo com leilões do Governo (próximo agendado para 08/06), os preços não se sustentam e, ao nosso ver, podem recuar ainda mais, sem um câmbio favorável.



OBS: Dados coletados até as 16:00 hrs do dia de fechamento da edição/Esta resenha foi elaborada pela CW Análises para uso exclusivo do destinatário. As informações contidas nesta resenha são consideradas confiáveis na data na qual foi publicada. Entretanto, as informações aqui contidas não representam, por parte da CW Análises, garantia de exatidão ou julgamento sobre a qualidade das mesmas, e não devem ser consideradas como tal. As opiniões contidas aqui são baseadas em estimativas, estando, portanto, sujeitas a alterações.